



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL INTRAFAMILIAR E O
ENFRENTAMENTO MATERNO**

Kelly Bianchi de Freitas

UBERABA-MG

2020

Kelly Bianchi de Freitas

A Violência Sexual Infantil Intrafamiliar e o Enfrentamento Materno

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Família

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Regina Farinelli

UBERABA-MG

2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

F936v Freitas, Kelly Bianchi de
A violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento materno /
Kelly Bianchi de Freitas. -- 2020.
37 f. : il., fig., graf., tab.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Farinelli

1. Violência sexual. 2. Violência familiar. 3. Criança. 4. Adolescente.
I. Farinelli, Marta Regina. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.
III. Título.

CDU 364.633-053.2



Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS) **Ministério da Educação**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Uberaba - MG

ATA DE DEFESA E QUALIFICAÇÃO

Programa de Pós-Graduação:	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA				
Evento:	DEFESA DE DISSERTAÇÃO				
Data:	19/08/2020	Início em:	00h00	Término em:	00h00
Número de matrícula aluno:	2018.2063.7				
Nome do aluno:	KELLY BIANCHI DE FREITAS				
Título do trabalho:	A violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento materno				
Área de concentração:	PSICOLOGIA				
Linha de Pesquisa:	PSICOLOGIA E FAMÍLIA				
Projeto de pesquisa vinculado:					

Reuniu-se de forma remota, utilizando-se a plataforma Google Meet (<https://meet.google.com/odx-bojcuan>) em conformidade com as recomendações do Ofício Circular n.º 03F/2020/PROPPG/UFTM, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta dos Professores Doutores: Anamaria Silva Neves da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Rafael de Tílio da Universidade Federal do Triângulo Mineiro; Prof.^a Dr.^a Marta Regina

Farinelli orientadora da mestranda. Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr(a). Marta Regina Farinelli apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a mestranda. Concluída a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca se reuniu e atribuiu o resultado final, considerando a mestranda:

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFTM.



Documento assinado eletronicamente por **MARTA REGINA FARINELLI, Professor do Magistério Superior**, em 19/08/2020, às 21:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **RAFAEL DE TILIO, Professor do Magistério Superior**, em 20/08/2020, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Silva Neves, Usuário Externo**, em 24/08/2020, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.uftm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0385173** e o código CRC **3A8CC7EF**.

Referência: Processo nº 23085.007502/2020-26

SEI nº 0385173

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, dela sendo lavrada a presente ata, que foi assinada pela Banca Examinadora.

Aos meus pais que puderam me ofertar uma infância linda e saudável. Ao meu filho que me favorece na prática todos os dias a oportunidade de exercer cuidados, proteção e afeto e também a todos que lutam, estudam e defendem as causas e direitos da criança e do adolescente,

em especial, as mães participantes desta pesquisa pela dedicação e disposição com um tema complexo que no intuito de colaborar para o estudo, colaboram também para a proteção de infinitas infâncias.

AGRADECIMENTOS

A Deus que se faz presente interno a mim em todos os momentos, que me guia e me faz crer em minhas transformações diárias.

À minha orientadora Profa. Dra. Marta Regina Farinelli, que com toda sua grandeza e sabedoria soube nos momentos certos sair deste lugar grandioso que ocupa e com carinho, humildade, paciência e orientação, caminhar junto aos meus passos, sempre com o propósito de me fazer caminhar junto aos seus. Obrigada por acreditar e confiar em mim, por validar o meu percurso e me permitir tê-la como um exemplo de profissional e ética, por ser uma inspiração.

Ao Prof. Dr. Rafael de Tilio e à Dra. Angélica Gomes da Silva, Assistente Social do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que com muita cordialidade e generosidade dividiram comigo os seus conhecimentos durante o exame de qualificação. Foi possível ampliar meu olhar e enriquecer a pesquisa.

A Profa Dra. Karin Casarin, por ter me acolhido como aluna especial em sua disciplina, o primeiro contato que tive com o mestrado, desenvolveu o meu interesse em continuar, por me incentivar e contribuir com as ideias iniciais e com a base na construção deste estudo. Admiro tamanho profissionalismo e humanidade.

A minha família que sempre foi incentivadora dos meus sonhos, suportou a minha ausência, tantos em meus momentos de casulos quanto aos de voos.

A toda turma de mestrandos do programa de pós-graduação que me permitiram renovar em uma energia vibrante e jovial, pude reviver algumas situações que o meio acadêmico nos proporciona, não somente com as angustias diante da ciência e do desconhecido, mas também nas alegrias e risos que todo encontro nos proporciona. Mas em especial agradeço a duas queridas amigas, Fernanda e Beatriz, com as quais caminhei mais próximo e que sempre me amparou em momentos de angustias e cansaço. Amigas que o mestrado me deu para a vida!

As instituições as quais os estudos foram realizados, Centro de Atendimento Psicossocial infantil (CAPSi) e Ambulatório de Atenção Integral à Vida – Infância do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro AII (UFTM-HC) que colaboraram para a apreensão dos dados do estudo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM) pela oportunidade de ampliação do olhar não só profissional, mas possibilitar transformações para a vida.

As mães participantes deste estudo, se fizeram resiliêntes, umas superando o sofrimento, outras revisitando-o, porém todas colaborando e buscando formas de se reinventarem diante de suas experiências. Foram partes fundamentais deste processo!

Aulas de vôo

O conhecimento caminha lento feito lagarta Primeiro não sabe que sabe e voraz contenta-se com o cotidiano orvalho deixado na folhas vívidas das manhãs.

Depois pensa que sabe e se fecha em si mesmo: Faz muralhas, cava trincheiras, ergue barricadas. Defendendo o que pensa saber levanta certeza em forma de muro, orgulha-se de seu casulo.

Até que maduro explode em vôos rindo do tempo que imagina saber ou guardava preso o que sabia.

Voa alto sua ousadia, reconhecendo o suor dos séculos no orvalho de cada dia.

Mesmo o vôo mais belo descobre um dia não ser eterno é tempo de acasalar voltar à terra com seus ovos à espera de novas e prosaicas lagartas.

O conhecimento é assim, ri de si mesmo e de suas certezas. É meta de forma, metamorfose, movimento, fluir do tempo, que tanto cria, como arrasa, a nos mostrar que para o vôo é preciso tanto o casulo como a asa.

(Iasi, 2001).

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	7
ABSTRACT.....	12
Apresentação da Dissertação	13
RESUMO ESTUDO 1	17
Referências	20
RESUMO ESTUDO 2	21
Referências	24
Considerações Finais da Dissertação	26
Referências da Dissertação	28
APÊNDICES	30
Apêndice A.....	32
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	32
Apêndice B.....	33
Roteiro norteador de entrevista semiestruturada	33
ANEXOS.....	36
Anexo A	38
Parecer de Aprovação.....	38

RESUMO

Violência sexual intrafamiliar configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Diante da revelação do abuso sexual infantil, as mães experimentam na maioria das vezes sentimentos conflituosos como raiva, ciúmes, medos. Buscou-se assim, compreender o impacto da violência sexual e o modo como às mães enfrentam ou significam as situações socioemocionais subsequentes à vitimização sexual intrafamiliar de seu filho(a). Trata-se de dois estudos exploratórios de abordagem qualitativa, utilizou-se da abordagem do materialismo histórico dialético. Foram entrevistadas mães que tiveram seu (sua) filho (a) violentado(a) sexualmente por alguém com quem a criança tenha vínculo de parentesco ou afinidade. Os participantes do estudo 1 são mães de crianças vítima de violência sexual intrafamiliar, ocorrida e notificada em até 72h, acompanhados pelo Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Os participantes do estudo 2 são mães de crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar, ocorrida e notificada em período superior à 72h acompanhada pelo Centro de Atenção Psicossocial Infantil. Ambos realizados em uma cidade do interior de Minas Gerais. O instrumental para apreensão de dados foi uma entrevista individual, semiestruturada, com o objetivo de investigar, aspectos sociais, culturais e buscar a compreensão do significado da experiência vivida pelos sujeitos/participantes e o posicionamento diante do enfrentamento da situação em entrevistas agendadas. No estudo 1 a apreensão de dados limitou-se a duas participantes devido à dificuldade de acessos as mães nas primeiras 72 horas da última ocorrência da violência sexual e no estudo 2 a apreensão de dados foi considerada satisfatória quando houve a saturação teórica. Foram critérios de exclusão casos de violência extrafamiliar, comprometimentos físicos e intelectuais graves e não aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para interpretação e análise dos dados, utilizou-se os procedimentos preconizados por Bardin (2011). Para tanto, três etapas foram seguidas para o processo de análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. Dos resultados destacam-se que um sofrimento que não é unicamente da violência sexual propriamente dita, mas que somada a isso, geram grande sofrimento como o luto pela desintegração familiar, vergonha, julgamentos, medo, impotência. Constatou-se o sofrimento materno proveniente desta situação de violência, de todo um contexto que vai desde o impacto da revelação, processo de denúncia e submissão aos acompanhamentos médicos. As famílias vivenciaram e vivenciam dificuldades, e apesar das adversidades diferirem em cada contexto, evidencia-se que a violência sexual infantil intrafamiliar precisa ser vista, para além da família, para que assim possa chegar a intervenções individuais micro sociais. Intervenções as quais demanda acompanhamento por profissionais capacitados e políticas públicas específicas.

Palavras-chave: Família. infância. violência sexual. violência intrafamiliar. enfrentamento materno.

ABSTRACT

Intra-family sexual violence is defined as any sexual act or game, a heterosexual or homosexual relationship, between one or more adults (blood or affinity relatives and / or guardians) and a child or adolescent, with the purpose of sexually stimulating a child or adolescent or use them to get sexual stimulation on yourself or someone else. Faced with the revelation of child sexual abuse, mothers most often experience conflicting feelings such as anger, jealousy, fears. Thus, we sought to understand the impact of sexual violence and the way in which mothers face or signify the socioemotional situations subsequent to their child's intrafamily sexual victimization. These are two exploratory studies with a qualitative approach, using the dialectical historical materialism approach. Mothers who had their child sexually assaulted by someone with whom the child has a family relationship or affinity were interviewed. Study 1 participants are mothers of children who are victims of intrafamily sexual violence, which occurred and were reported within 72 hours, accompanied by the Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Study 2 participants are mothers of children who are victims of intrafamily sexual violence, which occurred and was reported over a period of more than 72 hours, accompanied by the Centro de Atenção Psicossocial Infantil. Both were performed in a city in the interior of Minas Gerais. The instrument for data collection was an individual, semi-structured interview, with the objective of investigating social and cultural aspects and seeking to understand the meaning of the experience lived by the subjects / participants and the positioning in facing the situation in scheduled interviews. In the study, the case study design was considered, due to the difficulty of accessing the sample that was intended for theoretical saturation and in study 2, the data apprehension was considered satisfactory when there was theoretical saturation. Exclusion criteria were cases of extra-family violence, serious physical and intellectual impairments and non-acceptance of the Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. For data interpretation and analysis, the procedures recommended by Bardin (2011) were used. Three steps were followed for the content analysis process: pre-analysis, analytical description and inferential interpretation. The results highlight that a suffering that is not just sexual violence itself, but that added to this, generates great suffering such as the mourning for family disintegration, shame, judgments, fear, impotence. The maternal suffering resulting from this situation of violence was found, in a whole context ranging from the impact of the revelation, the process of denunciation and submission to medical follow-ups. Families have experienced and experience difficulties, and despite the adversities differ in each context, it is evident that intrafamily child sexual violence needs to be seen, in addition to the family, so that it can reach individual micro social interventions. Interventions that require monitoring by trained professionals and specific public policies.

Keywords: Family. childhood. sexual violence. intrafamily violence. maternal coping.

Apresentação da Dissertação

Quando adentrei pela primeira vez o Centro Educacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro foi para conseguir uma grande passagem em minha carreira profissional. Fui com a finalidade de realizar uma prova de um concurso público na função de psicóloga no município de Uberaba-MG, em 2015, concurso ao qual fui classificada e que com muita honra posso exercer a minha profissão.

Ao preceder a prova o sentimento que tive em estar em um espaço que pulsa vida, foi de ficar encantada, imbuída de sentimentos e desejos de crescimento profissional, encantada com as paredes que falam com tanta arte e poesia. Certa de que estes sentimentos que anteciparam a prova, junto a minha preparação foram fundamentais para a minha aprovação. Passaram-se 2 anos para assumir o cargo público e passo residir em Uberaba-MG e novamente a buscar o espaço pulsante para dar continuidade ao meu desenvolvimento enquanto profissional, enquanto pessoa.

Não houve um só dia, mesmo em dias cansados em que estar na Universidade, andar pelos corredores, ler e “escutar” o que as paredes tinham a me dizer, deixou de ser inspirador, motivador e desejante em alçar voos. Dentre todos os poemas, um falava mais intimamente comigo, era na espera de minha orientadora que eu o lia, o sentia e me permitia transformar, cheia de expectativas para o encontro que eu certamente sabia que não sairia a mesma, e assim a cada semana era possível amadurecer o meu percurso de mestranda.

O meu interesse sobre a temática violência se deu no início da graduação, onde iniciei a prática de estágio em uma periferia da cidade de Ribeirão Preto/SP em um programa municipal de contra-turno escolar. As crianças e adolescentes permaneciam neste núcleo de atendimento multidisciplinar e realizavam atividades diversas recreativas e educacionais.

Antes da instalação deste programa, notava-se um alto índice de criminalidade, com relatos de que nem mesmo caminhões que faziam entregas de bebidas passavam nas vendas do bairro. Quando aceitei a proposta do estágio, não conhecia a realidade deste bairro. Tive a grande oportunidade de aprendizagem, pude estabelecer vínculo afetivo com a comunidade, acompanhar o desenvolvimento local e de poder desenvolver enquanto pessoa e futura profissional junto aos moradores do local.

Conheci muitas famílias e muitas crianças submetidas à diversas violências micro e macrossociais. As falhas e limitações das políticas públicas voltada a este segmento populacional. Neste sentido, surge o desejo de olhar para estas famílias que ora são negligenciadas pelo Estado e conseqüentemente negligenciam a sua prole. Foi perceptível no cotidiano profissional que quando os direitos sociais que são assegurados pelas políticas públicas são efetivados aos microsistemas (famílias), possuem melhores condições de favorecerem ambientes mais saudáveis às suas crianças. Logo após a graduação tive a oportunidade de trabalhar em um projeto do Governo Federal (2005) Programa Sentinela – Programa de enfrentamento e erradicação ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Nesta época eu me fazia algumas indagações sobre o acompanhamento psicossocial dispensado a mãe. Diante de uma violência extrema a criança era o único foco de acompanhamento na família, desconsiderava-se o acompanhamento da mãe, que na maior parte das vezes é a cuidadora principal da criança de violência. Geralmente é a principal receptora de revelações, quem mais notifica e envolve-se em todo o processo de denúncia e acompanhamentos médicos. Partindo do princípio de que o ambiente principal desta criança é a mãe, precisa ela ser cuidada para poder exercer sua maternagem.

Os debates voltados a esta temática permitem a prevenção e o entendimento de um fenômeno tão antigo, complexo e recorrente que possibilita novas formas de intervenções. Devido ao exposto, considero este estudo relevante para a compreensão do enfrentamento materno e o impacto diante da violência sexual infantil intrafamiliar.

Hoje trabalho em um Serviço Intermediário em Atenção Psicossocial (SIAP) atendo a uma demanda de casos de média complexidade, na modalidade de psicoterapia grupal. Não é um serviço específico em atendimento a violência sexual, nem por isso esse tema deixa de ser recorrente, principalmente em mulheres adultas que sofreram violência sexual em suas infâncias e que somente hoje, lidando com as conseqüências da experiência traumática é que conseguiram recorrer a uma ajuda profissional. Isso me faz pensar que quanto mais precoce forem os cuidados dispensados à vítima e a sua família, menores serão as conseqüências para a vida adulta.

Muitos são os relatos de que quando ocorreu a violência nada foi feito. Em muitas vezes não se acreditava no relato da criança, em outras, a mesma era culpabilizada pelo ocorrido. Não encontraram em suas mães ou “ambientes” a continência necessária para elaborar o trauma e possivelmente essas mães também não tiveram o suporte emocional

adquirido de suas mães para ofertar aos seus (suas) filhos (as). Sem ter as respostas se a falha está na estrutura macrossocial e/ou se a falha estrutural interfere em questões transgeracionais dentro de microsistemas (famílias).

Diante destes questionamentos e como forma de ampliar a fundamentação teórica dos estudos propostos, foi realizada uma revisão da literatura científica, com o objetivo de explorar e conhecer aquilo que tem sido discutido sobre violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento materno, nos últimos cinco anos, ancorada na perspectiva do materialismo histórico dialético. A revisão considera o período de 2014 a 2019, nas bases de dados: MEDLINE, PSYCINFO, SCIELO, REDALYC E PEPISIC. O levantamento evidenciou uma preocupação com os dados alarmantes em denúncias sobre a violência sexual infantil, com maior incidência dentro do contexto familiar, onde o agressor possui algum tipo de vínculo com a vítima. Os estudos publicados apontam que para a compreensão do fenômeno de violência sexual infantil intrafamiliar, faz-se necessário compreender a formação social e seus aspectos macrossociais, para a compreensão de suas particularidades; família, infância e mãe/mulher.

O método dialético, possibilita analisar o passado, sob o viés do presente, problematizar o presente, para construir o futuro, demarcado pelo compromisso entre teoria e práxis. Assim, entende-se, que a mãe seria um ambiente “micro”, introjetado todo um contexto social histórico e cultural, que paradoxalmente pode representar condições protetivas, quanto condições facilitadoras da ocorrência de falhas geradoras de traumas. Ressalta-se que também é de interesse desse estudo investigar um ambiente “macro”, ou seja, compreender o contexto histórico-sócio cultural ao qual esta família se insere, que tipo de vivências tem a mãe e como ela vai significar a violência ocorrida com seu filho (a), posicionando-se em situações subsequentes ao abuso. É neste cenário, que envolve os sentimentos e dificuldades das mães diante da descoberta de abuso sexual de seu (sua) filho (a), que se inscreve o objetivo deste estudo, que tem por finalidade compreender o enfrentamento materno, diante da revelação de ocorrência de violência sexual intrafamiliar contra seu (sua) filho (a).

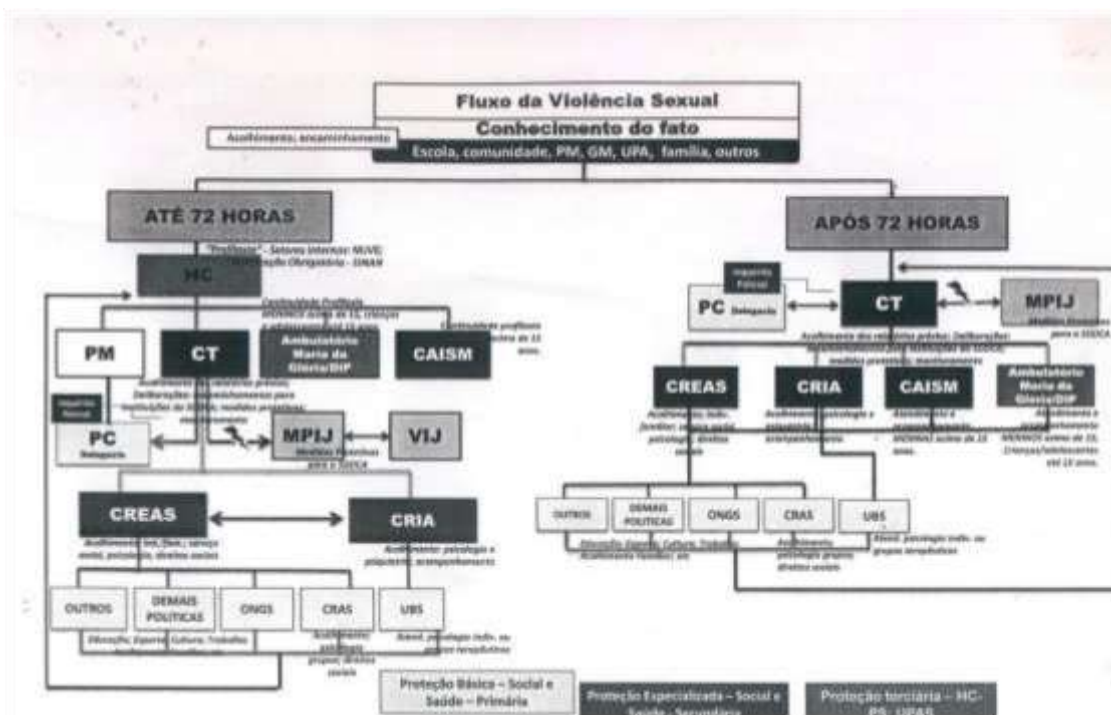
Ainda na visão macrossocial não se pode deixar de destacar as diferentes situações econômicas, sociais e culturais presentes na realidade desta criança. O Estado possui um papel relevante na proteção social da criança e do adolescente. O sistema de proteção social nem sempre é efetivado, o que contribui para agravar a situações de vulnerabilidades.

Nesta perspectiva, é relevante apontar que a estratégia de investigação dos estudos encontra-se pautada no fluxo de enfrentamento ao abuso sexual em uma cidade do interior de Minas Gerais.

A figura 1 demonstra o fluxo que inclui a classificação e encaminhamento diferenciado a situação de ocorrência do abuso sexual infanto juvenil, em função do tempo de ocorrência do abuso, ou seja, situações de ocorrência do abuso em até 72 horas serão encaminhados e atendidos no Hospital de Clínicas da UFTM e de lá passará por demais órgãos, como Conselho Tutelar, Polícia Militar e CREAS. Após 72 horas do fato, o caso deve ser encaminhado ao CAPSi onde será feita a triagem e possíveis encaminhamentos para 03 Unidades Básicas de Saúde (UBS) responsáveis por estes atendimentos. Ficam acompanhados no CAPSi crianças que apresentam alguma comorbidade relacionada a saúde mental, as demais famílias são encaminhadas para UBS mais próxima a sua residência.

Figura 1

Fluxo de atendimento na cidade de Uberaba-MG



Nota. Esta figura demonstra o fluxo da violência sexual e seu atendimento por meio de Documento da Prefeitura Municipal de Uberaba, MG, 2015.

RESUMO ESTUDO 1

Muitas são as transformações pelas quais a sociedade e suas entidades sociais vivenciam ao longo do tempo, e a família, como ser social, não está imune a isso. As concepções de família estão em permanente transformação. O século XXI nos apresenta para além da família tradicional, novas formações familiares, o que contraria a visão até então existente, no qual o poder familiar consistia em uma prática exclusivamente do homem.

Em seus estudos sobre família, Engels (2019) assume que a relação família e patriarcado leva-nos à gênese do termo família, do latino famulus, cujo significado é: escravo doméstico, firmado já na Roma antiga. Nessa sociedade, a mulher era adjunta no cerne familiar e o homem era detentor de todo o poder, estando inclusive, acima da autoridade do Estado.

Graças aos preceitos legais da Constituição Federal de 1988, nos dias atuais, no Brasil, família é constituída por pessoas que moram no mesmo lugar, cujo objetivo é construir um lar, com base somente nos vínculos afetivos. Diante dessas inúmeras mudanças que vêm transformando as famílias, é importante destacar que o papel desempenhado por ela, enquanto instituição social, no processo de desenvolvimento psicológico dos seus integrantes permanece inalterado.

O patriarcado enquanto regulador desta instituição, atravessa a história e ainda permanece nos dias atuais. Contexto este ligado às características do modelo patriarcal e que podem ser naturalizados, podendo inclusive ser cenário para abusos masculinos, inclusive os sexuais (Narvaz & Koller, 2006).

O abuso sexual intrafamiliar é uma forma de violência que tem se tornado motivo central de preocupação da sociedade e do governo, dada a sua significativa incidência. Nesse cenário, a maior parte das denúncias de violência sexual praticada contra crianças e adolescentes refere-se ao tipo intrafamiliar (Antoni & Koller, 2002; Habigzang & Caminha, 2004).

Nesse contexto de vitimação que envolve também a família, as mães dos vitimados tornam-se alvo das maiores cargas emocionais dentro do processo. A vivência delas, diante do abuso sexual intrafamiliar praticado contra seus(suas) filhos(as), envolve um sofrimento subjetivo, que ao ser expressado, aparece como culpa e vulnerabilidade social.

É nesse cenário de vivência materna diante da vitimação do(s) filhos(as) e delas mesmas onde se insere o objetivo deste estudo: compreender o impacto no cotidiano da mãe diante da revelação de uma violência sexual ocorrida no seio familiar considerando o tempo de até 72h de sua última ocorrência e notificação.

Para participar deste estudo elegeu-se: 1) Mães, que tiveram seu filho (a) violentado sexualmente. 2) Casos em que o último evento da violência sexual de natureza intrafamiliar tivesse ocorrido no período de até 72h antecedentes a notificação no serviço de saúde. A criança e responsável já inserida no fluxo de atendimento, já iniciaram os primeiros procedimentos de cuidados multidisciplinares pertinentes ao fluxo mencionado. 3) Participantes que aceitaram e assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Apêndice A), mediante apresentação.

Foi utilizado um roteiro norteador de entrevista semidirigida audiogravada, composto de perguntas abertas e fechadas (apêndice B). A entrevista foi aplicada individualmente e visou os objetivos do estudo, compreensão e o enfrentamento materno diante da revelação de uma violência sexual ocorrida no seio familiar considerando o tempo de até 72h de sua última ocorrência e notificação. Buscou-se investigar, aspectos sociais e culturais presentes na historicidade das entrevistadas e o seu posicionamento diante da situação de violência sexual intrafamiliar.

Para tanto, foram seguidas três etapas para o processo de análise de conteúdo: (1) pré-análise, leitura “flutuante”, com a finalidade de formular objetivos gerais da pesquisa; (2) escrita analítica; estudo mais aprofundado, leva-se em conta os procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização e interpretação inferencial; consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação). (3) A análise comparativa, justaposição das diversas categorias existentes em cada análise, ressalta aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes (Bardin, 2011).

Neste estudo, participaram duas mães. Na entrevista emergiram três categorias diferentes realizadas: (1) O impacto da revelação da violência sexual infantil intrafamiliar. (2) relações familiares; tipo de vínculos agressor vítima e família extensa (3) Compreensão do processo de denúncia e enfrentamento materno.

O estudo permitiu conhecer a forma com que as mães de crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar lidam com o impacto da revelação. Percebe-se que no caso das duas depoentes, as participantes relatam sentimentos conflituosos, sentem-se impotentes com a sensação que falharam por não conseguir proteger a filha em tempo integral. Sentem-se culpadas por pensarem que poderiam ter feito alguma coisa que pudesse ter evitado a violência sexual ocorrida com a filha.

O estudo revela que o sofrimento das mães de crianças vítimas de violência não é unicamente exclusivo da violência sexual propriamente dita, mas que somada a isso, existe uma gama de situações conseqüentes a violência que geram grande sofrimento. Sofrimento aos quais demanda acompanhamento por profissionais capacitados e políticas públicas específicas.

Referências

- Antoni, C., & Koller, S. H. (2002). Violência Doméstica E Comunitária. In M. L. J. Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros (Orgs.), *Adolescência E Psicologia: Concepções Práticas e Reflexões Críticas*. Rio De Janeiro: Conselho Federal De Psicologia.
- Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. (70ª ed.). (Trabalho original publicado em 1977). São Paulo. Almedina.
- Engels, F. (2019). *A Origem da família, da propriedade e do Estado*. São Paulo. Boitempo.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso Sexual Contra Crianças E Adolescentes: Conceituação E Intervenção Clínica*. São Paulo: Casa Do Psicólogo.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). *Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. : da prescrição normativa à subversão criativa*. Psicologia & Sociedade.

RESUMO ESTUDO 2

A violência configura-se como um fenômeno presente na história de crianças e adolescentes, que se perpetua até a atualidade, se tornando um importante problema de saúde coletiva que podem comprometer a formação de crianças e adolescentes, enquanto sujeitos em desenvolvimento (Lopes, Lewgoy & Marques, 2020).

Minayo (2009), destaca violência “como o uso intencional da força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio ou outra pessoa, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, deficiência, desenvolvimento prejudicado ou privação”.

Quando pensa-se a violência cometida contra crianças e adolescentes, verifica-se que, em sua maioria, ocorre no universo familiar, definindo-se como violência intrafamiliar. (Lopes, Lewgoy e Marques, 2020).

Entende-se por violência intrafamiliar o ato, ou sua omissão, que gere danos a outrem, praticado por indivíduos da convivência íntima, independente de consanguinidade. Entende-se por violência sexual infantil qualquer atitude de jogo ou ato sexual, praticado por um adulto e uma criança (Zuliani, Manarin & Gaglioto, 2017).

A violência sexual no âmbito do agregado familiar acontece em qualquer parte do mundo, muito embora não seja possível precisar o número de casos e estabelecer uma estatística precisa, infelizmente, nesse tipo de violência impera o pacto do silêncio. Percebe-se que a violência sexual intrafamiliar, afeta o agregado familiar e compromete a convivência familiar e o desenvolvimento da criança e do adolescente (Moraes, 2016).

No âmbito familiar, a violência sexual mais comum acontece sob a forma de abuso sexual intrafamiliar, ou seja, prática que envolve uma pessoa da própria família, onde o abusador é figura próxima “ incluem-se os pais, irmãos e outros parentes consanguíneos ou por aliança” (Dias, 2010)

Baía, et al. (2014) referem que a partir da revelação de um ato de abuso sexual intrafamiliar a família passa a vivenciar um contexto de crise. Ocorre uma eclosão de conflitos e a figura da mãe pode ser vista como uma ponte para a ajuda da vítima. Entretanto, a vítima da violência sexual, em muitos casos se silencia. A mãe assume, na maioria dos casos, uma postura protetiva após a revelação, mas também pode desacreditar no conteúdo revelado, ou adotam um papel de mantenedora da violência e do pacto do silêncio.

Assim, um aspecto relevante é a reação das mães. Desde quando assumem o conhecimento da violência sexual praticado contra seu filho (a) está muito relacionada à forma com que aprenderam com suas mães e com a cultura com a qual estão inseridas (Lima, 2008). E muitas vezes ela é percebida como carrasca ou vítima.

Neste sentido o presente estudo é relevante e está voltada para para as famílias que são encaminhadas ao CAPSi, quando é possível identificar que à última ocorrência possa ter acontecido em um período superior a 72h, neste caso, dispensado a profilaxia. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo geral a compreensão de como

a mãe enfrenta as situações de violência sexual intrafamiliar quando descoberta e seus possíveis enfrentamentos.

Para tanto, foi elaborado um roteiro norteador de entrevista semidirigida e audiogravada, composto de perguntas abertas e fechadas. A entrevista foi aplicada individualmente em acordo com os objetivos da pesquisa. Buscou investigar, aspectos sociais e culturais presentes na historicidade das entrevistadas, observar como a mãe encara a situação e o seu posicionamento diante da situação de violência sexual intrafamiliar.

Da análise de conteúdo emergiram três categorias das entrevistas realizadas, a saber: (1) - Enfrentamento e sentimentos materno diante da revelação da violência sexual infantil. (2) - Contexto social, ambiente físico e dinâmica familiar (3) - Da revelação ao suporte psicossocial às famílias com crianças vítimas de abuso sexual infantil.

As violências foram notificadas após 72h de sua última ocorrência e as famílias (mães e crianças vítimas) já estavam inseridas em uma rede de apoio em um município do interior do Estado de Minas Gerais.

Foram entrevistadas cinco mães, sendo que três crianças foram abusadas pelo pai e outras duas pelo irmão. Todas lidam com sentimento de culpa e solidão por ter que lidar com a revelação de uma violência sexual intrafamiliar sofrida por suas (seus) filhas (os) e terem que enfrentar sozinhas todo o processo de ressignificação de uma realidade posta.

Parte-se do pressuposto que nos casos de violência sexual intrafamiliar, a família, que deveria representar um local seguro para os seus membros, torna-se um espaço de insegurança, medo, desconfiança, conflitos e de incertezas entre o que é certo e errado (Florentino, 2015).

Cuidar de quem cuida da criança vítima de violência, que na maior parte das vezes é a mãe, favorece a ela um papel de facilitadora do restabelecimento do desenvolvimento saudável de sua (o) filha(o), e assim, amenize os danos causados por tamanha violência, favorecendo um desenvolvimento menos traumático possível.

Constatada a vulnerabilidade emocional das mães das crianças vítimas de violência sexual infantil, ressalta-se a importância de se instituir espaços destinados ao

acolhimento e escuta especializada, que permita a elaboração da experiência vivida, que muitas vezes se assemelha a um luto. Neste sentido quando a violência passa a ser denunciada, deve ser acionada a rede de cuidados que prossiga em longo prazo devido a tamanha complexidade e consequências apontadas. O pacto de segredo precisa ser rompido além da vítima e além da família para que haja intervenções concretas e objetivas acerca deste assunto que é um mito para uma sociedade.

Referências

Baía, P. A. D., Magalhães, C. M. C., & Veloso, M. M. X. (2014). Caracterização do suporte materno na descoberta e revelação do abuso sexual infantil. *Temas Em Psicologia*, 22(4), 691-700. Recuperado de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2014000400002&lng=pt&nrm=iso. Doi: 10.9788/TP2014.4-02.

- Dias, I. (2010). *Violência na Família-Uma abordagem sociológica*. 2.ed.Porto-Portugal: Edições Afrontamento.
- Florentino, B. R. B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*. 27(2) 139-144. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922015000200139&script=sci_abstract&tlng=pt. Doi: 10.1590/1984-0292/805.
- Lima, J. A. (2008). *As vivências subjetivas das mães diante do abuso sexual infanto-juvenil intrafamiliar*. (Dissertação De Mestrado). Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil.
- Lopes, G. dos S. M., Lewgoy, A. M. B., Marques, M. F. (2020). *Violência intrafamiliar na Infância e Adolescência: a percepção dos profissionais de saúde residentes na formação em serviço*. *Serv. Soc. & Saúde*, Campinas, SP. 191-24.
- Minayo, M. C. S. (2009). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal a saúde. In: NJAINE, K. (Org.). *Impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro, RJ. Fundação Oswaldo Cruz, 2009, p. 21-42.
- Zuliani, G., Manarin, T., Gagiotto, G. M. (2017). *O Professor Frente a Violência Sexual Intrafamiliar e o Impacto no Desenvolvimento Da Aprendizagem Da Criança*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Trabalho Parcialmente Financiado Pela CAPES e Fundação Araucária.

Considerações Finais da Dissertação

A violência sexual infantil intrafamiliar causa grandes consequências a curto e longo prazo não somente a criança vítima, assim também como para a sua cuidadora principal que na maioria das vezes é a mãe.

Historicamente coube a mãe o papel de se responsabilizar pelas várias situações que envolver os cuidados com os filhos. Ela é a pessoa que na maioria das vezes se encarregará das inúmeras situações decorrentes da violência sofrida pelo seu filho (a), que demanda enfrentamento de sua parte, o que a deixa vulnerável sócio emocionalmente. Lidam com um sofrimento intenso, não exclusivamente da violência, mas de todo uma historicidade sociocultural, de um papel que lhe foi designado desde cultura patriarcal, enquanto mulher e enquanto mãe e que perduram aos dias atuais.

Os dados empíricos coletados foram analisados com base no materialismo histórico dialético, que permite uma compreensão do fenômeno da violência sexual infantil para além da família, ou seja, o olhar parte do macrosocial, do contexto ao qual a família se encontra, para posteriormente chegar as apreensões das questões referente a seu microsistema, família.

No primeiro estudo as participantes lidam com um impacto muito grande no momento da revelação. Mesmo assim realizam a denúncia dentro das primeiras 72 horas e conseguem acionar uma rede de apoio formal, com profissionais, somente após criarem uma rede de apoio informal, com familiares. Em um primeiro momento lidam com negação. Posteriormente experimentam o sentimento de culpa, de alguma forma sentem-se responsável pela ocorrência da violência e impotentes por não estarem juntas as filhas e protege-las no momento do perigo.

Pôde-se verificar algumas limitações e características neste estudo, a violência se deu por meio de agressores que não compõe o seu núcleo familiar, acredita-se na diferença em lidar com a denúncia quando o agressor familiar não compõe o seu núcleo, mas sim da família extensa. Não foi possível uma amostra maior e diversificada, sendo essa a principal limitação. No momento da revelação as mães impactadas e vulneráveis foram pouco acessíveis, sem interessar-se em participar de mais um procedimento dentre todos os outros que se fizeram necessários.

Até o momento da entrevista, as mães participantes encontravam-se angustiadas por não saber sobre como se daria o processo da denúncia, encontravam-se cheias de dúvidas e isso lhes geravam angústia. Neste momento não se viam precisando de apoio profissional, sendo a filha vítima a única preocupação.

No segundo estudo pôde-se observar que quando as mães são inseridas na rede de cuidados protetivos juntamente a suas filhas começam a perceber a necessidade de cuidados que também precisam receber para que possam favorecer as filhas vítimas condições saudáveis de desenvolvimento. A mãe considerada ambiente da criança, quando adoecida, fica impossibilitada de favorecer um ambiente suficientemente bom. Normalmente é necessário um período de tempo para que desenvolva essa percepção, tempo análogo a elaboração de um luto, devido consequências decorrentes da violência.

Constatada a vulnerabilidade sócio emocional das mães cuidadoras das crianças vítimas de violência sexual infantil, dada a sobrecarga a qual ficam expostas após a revelação, as consequências a curto e longo prazo da violência e a responsabilidade por conduzirem o desenvolvimento de suas filhas com a função de amenizar o trauma sofrido por elas. Recomenda-se a criação de espaços que ofertam acolhimento e uma escuta especializada e qualificada destinado às mães de criança vítimas de violência sexual infantil intrafamiliar, por meio de políticas públicas.

A partir do momento em que a violência passa a ser denunciada, deve ser acionada a rede de cuidados que insira mãe/filha em acompanhamento multiprofissional e prossiga a longo prazo devido a tamanha complexidade e consequências apontadas. O pacto de sigilo precisa ser rompido além da vítima e além da família para que haja intervenções concretas e objetivas acerca deste assunto que é um mito para uma sociedade.

É sempre importante ressaltar que a implantação de políticas públicas específicas norteadoras se fazem necessárias para o atendimento de situações de violência sexual de crianças e adolescentes com rebatimento nas mães e familiares. Pois embora os documentos legais garantam direitos a criança/ adolescente e a mães e ou familiares, estes não são efetivados na medida das demandas comprometendo, dessa forma, o acolhimento das vítimas e familiares com especial atenção as mães.

Destaca-se que é relevante a realização de estudos longitudinais com famílias que vivenciaram a violência sexual infantil intrafamiliar, como observância de

consequências a longo prazo para o núcleo família, a criança vítima e possíveis reproduções transgeracionais do fenômeno com pretensão de acompanhar intervenções no ciclo reprodutivo da violência e na compreensão de qual a manutenção que os contextos macrosociais depreendem para que tais fenômenos sejam recorrentes dentro da família.

Referências da Dissertação

- Antoni, C., & Koller, S. H. (2002). Violência Doméstica E Comunitária. In M. L. J. Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros (Orgs.), *Adolescência E Psicologia: Concepções Práticas e Reflexões Críticas*. Rio De Janeiro: Conselho Federal De Psicologia.
- Baía, P. A. D., Magalhães, C. M. C., & Veloso, M. M. X. (2014). Caracterização do suporte materno na descoberta e revelação do abuso sexual infantil. *Temas Em Psicologia*, 22(4), 691-700. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2014000400002&lng=pt&nrm=iso. Doi: 10.9788/TP2014.4-02.
- Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. (70ª ed.). (Trabalho original publicado em 1977). São Paulo. Almedina.
- Dias, I. (2010). *Violência na Família-Uma abordagem sociológica*. 2.ed.Porto-Portugal: Edições Afrontamento.
- Engels, F. (2019). *A Origem da família, da propriedade e do Estado*. São Paulo. Boitempo.
- Florentino, B. R. B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*. 27(2) 139-144. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922015000200139&script=sci_abstract&tlng=pt. Doi: 10.1590/1984-0292/805.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso Sexual Contra Crianças E Adolescentes: Conceituação E Intervenção Clínica*. São Paulo: Casa Do Psicólogo.
- Lima, J. A. (2008). *As vivências subjetivas das mães diante do abuso sexual infanto-juvenil intrafamiliar*. (Dissertação De Mestrado). Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil.

- Lopes, G. dos S. M., Lewgoy, A. M. B., Marques, M. F. (2020). Violência intrafamiliar na Infância e Adolescência: a percepção dos profissionais de saúde residentes na formação em serviço. *Serv. Soc. & Saúde*, Campinas, SP. 191-24.
- Minayo, M. C. S. (2009). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal a saúde. In: NJAINE, K. (Org.). *Impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro, RJ. Fundação Oswaldo Cruz, 2009, p. 21-42.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. : da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*. 18(1), 49-55. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Doi: 10.1590/S010271822006000100007.
- Zuliani, G., Manarin, T., Gagliotto, G. M. (2017). O Professor Frente a Violência Sexual Intrafamiliar e o Impacto no Desenvolvimento Da Aprendizagem Da Criança. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Trabalho Parcialmente Financiado Pela CAPES e Fundação Araucária.

APÊNDICES

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Rua Conde de Prados, 155, Abadia, Uberaba-MG, CEP: 38025-260
(34) 3700 6613 E-mail: ppgp@uftm.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE - PÓS ESCLARECIMENTO

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima referente a pesquisa A violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento Materno, coordenado pelo Prof^o Dr^a Marta Regina Farinelli, Assistente Social e docente do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Compreendi para que serve a pesquisa e quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios da pesquisa. Entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o(a) assistência que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar da pesquisa. Concordo em participar da pesquisa, A violência sexual infantil intrafamiliar e receberei uma via assinada deste documento.

LOCAL, ____/____/____

NOME/ ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO e/ou RESPONSÁVEL LEGAL

Prof^o Dr^a Martha Regina Farinelli: (34) 9686-9145
PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Kelly Bianchi de Freitas 34999985715
PESQUISADOR ASSISTENTE

Apêndice B

Roteiro norteador de entrevista semiestruturada

Parte I / Identificação:

- Nome fictício): _____

- Estado civil: _____ idade: _____ nº de filhos: _____
- Naturalidade: _____
escolaridade: _____
- Ocupação: _____

- Horário da jornada de trabalho _____ Quantas pessoas trabalham casa

- Renda familiar: _____ Religião: _____
_____ Serviço requisitado: () UFTM/HC () CAPSi

Data da entrevista: ____/____/____.

Data da entrada no serviço de saúde ___/___/___

Parte II / Compreendendo a dinâmica da violência sexual

CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL;

- Como sua família reagiu com relação ao abuso cometido?
- O que você fez quando soube do que aconteceu?
- Caso não continuem na mesma casa como é a casa atual?
- Quantas pessoas moram hoje nesta casa, e quais são? (parentesco)
- Você poderia me descrever como é a casa fisicamente?

Número de cômodos () quantidade de quartos () Existência de portas entre cômodos

Como se organizavam para ter privacidade? (para dormir, banho e outras atividades)

REVELAÇÃO;

- Como você soube do que aconteceu com seu (sua) filho (a)?
- Como foi para você saber do abuso praticado contra seu (sua) filho (a)?
- O que pensou quando soube?
- Na época em que você descobriu o abuso praticado contra seu (sua) filho (a), onde vocês moravam?
- Como era ou é o contato da pessoa que realizou o abuso com a sua casa? O que mudou na forma de se relacionar com esta pessoa?
- Poderia me descrever como era o vínculo dessa pessoa com seu (sua) filho (a) e com você?
- Quanto tempo se passou entre a ocorrência da violência e a revelação da mesma?

REDE DE ATENDIMENTO;

- Você sentiu-se apoiada por alguém, ou algum órgão que tenha procurado? Como foi sua trajetória para chegar a este serviço?

COMO A MULHER/ MÃE ESTÁ HOJE;

- E hoje, como tem sido lidar com esta situação? (pessoalmente, nas relações sociais, e na família).
- Existem coisas que você ainda precisa fazer em relação ao abuso? Quais?
- Como vocês tem se organizado para viver hoje em dia? Enfrentam algum tipo de dificuldade? Ainda residem na mesma casa?

CUIDADOS COM O FILHO(A);

- Como você percebe seu/sua filho (a) partir da ocorrência do abuso? Você tem alguma preocupação com ele? Poderia me descrever quais?
- O que a você acredita que poderia ser feito a partir de agora para possibilitar um bom desenvolvimento para o seu (sua) filho (a)?
- Você acredita que ele (a) conseguirá superar essa experiência? De que forma isso se daria? Você considera que também precisaria de ajuda para que possa ajudar seu(sua) filho(a)?

Quem poderia ajudá-la? De que maneira?

- Como foi pra você falar desse assunto comigo?

- O que significa para você poder colaborar com uma pesquisa que trata de um assunto delicado?
- Gostaria de dizer algo do qual eu não tenha dito anteriormente?

Agradeço a sua disponibilidade em participar desta pesquisa. Obrigada!

ANEXOS

Anexo A

Parecer de Aprovação

UFTM - HOSPITAL DAS
CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TRIÂNGULO
MINEIRO - HC/UFTM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Violência Sexual Infantil Intrafamiliar e o enfrentamento materno

Pesquisador: marta regina farinelli

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 20308819.9.0000.8867

Instituição Proponente: Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.634.143

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma investigação sobre a violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento materno. Violência sexual: configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Diante da revelação do abuso sexual infantil, as mães experimentam na maioria das vezes sentimentos conflituosos como raiva, ciúmes, medos. A violência sexual infantil é considerada um problema de saúde pública devido à elevada incidência epidemiológica e a sérios prejuízos causados para o desenvolvimento da vítima, seja cognitivo, afetivo ou social, assim como para sua família. Para Dunsigre (1999), Faleiros, (2000), Furniss (1993), citado por (Lima & Alberto, 2016), o abuso sexual infantil juvenil pode ser definido como ato sexual praticado por um adulto ou alguém com diferença mínima de idade de cinco anos de sua vitimada. O abusador é alguém que possua desenvolvimento físico e psíquico maior que a criança ou adolescente. Sendo, portanto, uma violência que caracteriza uma transposição de limites e direitos humanos, de papéis, regras sociais, familiares e tabus. A criança é vista pelo abusador como um instrumento de excitação, e não como uma pessoa.

Um aspecto relevante da conceituação de abuso sexual é o fato de que não necessariamente ocorra o contato físico-sexual. Segundo o relatório do Disque Denúncia (ABRAPIA, 2007 como

citado em Antoni; Yunes; Habigang & Koller, 2011), são categorizadas como formas abusivas as sugestões sexuais, descrevendo situações nas quais são feitos à criança ou adolescente comentários sexualmente provocantes, exposição de fotos ou vídeos pornográficos.

Objetivo da Pesquisa:

• Objetivo Geral

Compreender o modo como às mães enfrentam ou significam as situações socioemocionais subsequentes à vitimização sexual intrafamiliar de seu filho.

• Objetivos específicos Estudo 1 e estudo 2

1. Compreender os sentimentos e percepções maternas diante da revelação do abuso sexual intrafamiliar de seu filho, ocorrido nas últimas 72h, assim como em período superior à 72h de sua ocorrência.

2. Analisar o contexto social no qual a família estava inserida período de ocorrência da violência sexual intrafamiliar da criança, assim como a rede de apoio disponível após a revelação;
3. Identificar as ações adotadas pelas mães a partir da descoberta do abuso sexual intrafamiliar e os meios encontrados para chegar à notificação;
4. Compreender seus valores, em relação aos cuidados socioemocionais da criança e a percepção da violência sexual infligida contra ela;
5. Compreender as percepções das mães, assim, como seus sentimentos sobre a ocorrência de abuso sexual intrafamiliar de seu filho (a) e como a família se reorganizou após a revelação.
6. Compreender os comportamentos e reações da família extensa diante da revelação de uma violência sexual infantil intrafamiliar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os encontros serão agendados previamente e a entrevista com as mães será realizada individualmente, preferencialmente no mesmo horário que seu filho (a) estiver sendo atendido pelos profissionais de saúde, de forma a garantir privacidade, evitando-se interrupções e incômodos na rotina familiar e institucional. Será solicitada permissão para audigravar a entrevista, para posteriormente transcreve-la (Minayo, 1996, p.106). A pesquisa será realizada de acordo com a resolução 466/2012 e resolução 510/2016 que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Nesse sentido, pretende-se diminuir os riscos e aumentar os benefícios aos participantes. Espera-se que

sua participação na pesquisa possibilite uma compreensão mais detalhada de suas condutas, enfrentamento e vicissitudes, e a depender de seu posicionamento diante do fato é que irá propiciar um ambiente que seja capaz de amenizar as consequências. Para evitar a perda de confidencialidade será mantido o sigilo e os participantes da pesquisa serão identificados com pseudônimos. Enfim, o desconforto é o participante sentir que as perguntas a serem realizadas serão invasivas a sua pessoa e a sua realidade. E para prevenir eventuais desconfortos, declaramos no TCLE que o participante "poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo algum para sua pessoa". Não identificamos outros riscos além da possibilidade de perda de confidencialidade, a qual será prevenida pela não identificação dos participantes por meio de pseudônimos. (como explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma investigação sobre a violência sexual infantil intrafamiliar e o enfrentamento materno. Violência sexual: configura-se como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual, entre um ou mais adultos (parentes de sangue ou afinidade e/ou responsáveis) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente uma criança ou adolescente ou utilizá-los para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou outra pessoa. Diante da revelação do abuso sexual infantil, as mães experimentam na maioria das vezes sentimentos conflituosos como raiva, ciúmes, medos. A violência sexual infantil é considerada um problema de saúde pública devido à elevada incidência epidemiológica e a sérios prejuízos causados para o desenvolvimento da vítima, seja cognitivo, afetivo ou social, assim como para sua família. O objetivo geral: compreender o modo como as mães enfrentam ou significam as situações socioemocionais subsequentes à vitimização sexual intrafamiliar de seu filho(a).

Método: Trata-se de dois estudos exploratórios de abordagem qualitativa, utilizando-se da abordagem do materialismo histórico dialético. Serão entrevistadas mães que tiveram seu (sua) filho (a) violentado(a) sexualmente por alguém com quem a criança tenha vínculo de parentesco ou afinidade. Os participantes do estudo 1 são mães de crianças vítima de violência sexual intrafamiliar, sendo esta violência ocorrida e notificada em até 72h, acompanhados pelo HC/UFTM de Uberaba-MG. Os participantes do estudo 2 serão mães de crianças vítimas de violência sexual intrafamiliar, ocorrida e notificada em período superior à 72h acompanhada pelo CAPSi de Uberaba-MG. O instrumental para apreensão de dados será a entrevista individual.

semiestruturada, com o objetivo de investigar, aspectos sociais, culturais e buscar a compreensão do significado da experiência vivida pelos sujeitos/participantes e o posicionamento diante do enfrentamento da situação. Os encontros serão agendados previamente e a entrevista será realizada com as mães na unidade de serviço que ela estiver sendo acompanhada. Em ambos os estudos a apreensão de dados é considerada satisfatória quando há a saturação teórica. Serão critérios de exclusão casos de violência extrafamiliar, comprometimentos físicos e intelectuais graves e não aceitação do TCLE. Para interpretação e análise dos dados, utilizar-se-á os procedimentos preconizados por Bardin (2011), no que se refere à análise dos conteúdos, ou seja, um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens, sendo um meio para estudar as comunicações entre os homens. Para tanto seguiremos três etapas para o processo de análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos contemplam.

Recomendações:

As recomendações foram atendidas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, o colegiado do CEP-HC/UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, situação definida em reunião do dia 03/10/2019.

O CEP-HC/UFTM não se responsabiliza pela qualidade metodológica dos projetos analisados, mas apenas pelos pontos que influenciam ou interferem no bem-estar dos participantes da pesquisa conforme preconiza as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

A aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFTM dá-se em decorrência do atendimento à Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Conforme prevê a legislação, são responsabilidades, indelegáveis e indeclináveis, do pesquisador responsável, dentre outras: comunicar o início da pesquisa ao CEP; elaborar e apresentar os relatórios parciais (semestralmente) e final. Para isso deverá ser utilizada a opção 'notificação' disponível na Plataforma Brasil.

Obs:

- O acompanhamento dos projetos na Plataforma Brasil é de inteira responsabilidade dos pesquisadores, não podendo ser alegado desconhecimento de pendências como justificativa para não cumprimento de prazos.
- A secretaria do CEP-HC/UFTM está à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre trâmites e funcionalidades da Plataforma Brasil, durante os dias de segunda a sexta-feira, das 07:00 às 18:00 hrs. Telefone: 34 3318-5319. e-mail: cep.hctm@ebserh.gov.br.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1427236.pdf	30/09/2019 15:50:51		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1427236.pdf	30/09/2019 15:50:46		Aceito
Outros	respostassocep.docx	30/09/2019 15:39:11	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tlekellycorrigido.docx	30/09/2019 15:38:00	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Outros	autorizacaosecretariadasaude.pdf	30/09/2019 15:32:16	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoKellycorrigido.docx	30/09/2019 15:28:57	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Outros	checklistdoprojeto.docx	08/09/2019 15:10:24	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Outros	checklistdocumental.docx	08/09/2019 15:09:27	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Outros	formulariodeentrevista.docx	08/09/2019 15:08:27	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Outros	termodeciencia.pdf	08/09/2019 15:05:58	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Gep.pdf	08/09/2019 15:05:10	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromisso.pdf	08/09/2019 15:04:04	KELLY BIANCHI DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	Doc1.docx	08/09/2019	KELLY BIANCHI DE	Aceito

Folha de Rosto	Doc1.docx	14:47:13	FREITAS	Aceito
----------------	-----------	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 10 de Outubro de 2019

Assinado por:
GILBERTO DE ARAUJO PEREIRA
(Coordenador(a))

Endereço: R. Benjamin Constant, 16

Bairro: Nossa Srª da Abadia

CEP: 38 025-470

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3318-5319

E-mail: cep.htm@ebsersh.gov.br

